



Antónia Fialho Conde, Vanda de Sá e Rodrigo Teodoro de Paula (ed.)

Paisagens sonoras históricas Anatomia dos sons nas cidades

Publicações do Cidehus

Paisagem sonora histórica, acervos documentais e espaços monástico-conventuais em Évora no período moderno

Antónia Fialho Conde

DOI: 10.4000/books.cidehus.18337
Editora: Publicações do Cidehus
Lugar de edição: Évora
Ano de edição: 2021
Online desde: 8 novembro 2021
coleção: Biblioteca - Estudos & Colóquios
EAN electrónico: 9791036584572



<http://books.openedition.org>

Refêrencia eletrónica

CONDE, Antónia Fialho. *Paisagem sonora histórica, acervos documentais e espaços monástico-conventuais em Évora no período moderno* In : *Paisagens sonoras históricas : Anatomia dos sons nas cidades* [en ligne]. Évora : Publicações do Cidehus, 2021 (généré le 26 novembre 2021). Disponible sur Internet : <<http://books.openedition.org/cidehus/18337>>. ISBN : 9791036584572. DOI : <https://doi.org/10.4000/books.cidehus.18337>.

Este documento foi criado de forma automática no dia 26 novembro 2021.

Paisagem sonora histórica, acervos documentais e espaços monástico-conventuais em Évora no período moderno

Antónia Fialho Conde

NOTA DO AUTOR

O presente texto surge no âmbito do Projeto PASEV (Patrimonialization of Évora's Soundscape (1540-1910) ALT20-03-0145- FEDER-028584 | LISBOA-01-0145-FEDER-028584).

Introdução

- 1 O Projecto PASEV pretende, na sua essência, reconhecer para valorizar e salvaguardar o Património musical de Évora no tempo longo (1540-1910), visando a sua promoção em termos de turismo cultural.
- 2 Assenta, por um lado, no estabelecimento de uma articulação entre o património móvel, o património edificado e o património musical que lhe está associado e de qualidade internacionalmente reconhecida, dado a cidade ter conhecido períodos bastante frutuozos em termos de produção e circulação cultural, associadas a contextos mais vastos, de que é exemplo a permanência da Corte; por outro, na noção de paisagem sonora histórica, visando a compreensão da atividade musical a partir de uma perspectiva contextual abrangente. Esta noção permite reconstruir contextos, circuitos e mapear a presença da música e dos músicos, entendendo a música como uma atividade social e cultural, reflexo nomeadamente das realidades económica e política, contrariamente à leitura centrada num compositor ou num aspecto restrito, como os

testemunhos iconográficos no-lo demonstram: os músicos de rua, os concertos em ambientes e contextos diversos de sociabilidade, as ocasiões solenes e festivas, os eventos fúnebres. No caso de Évora¹, segunda cidade do reino em inícios do período em que nos focamos (Antigo Regime), a abordagem a estas questões é particularmente rica, tanto em termos urbanos como periurbanos, especialmente no que toca às instituições monástico-conventuais. A escala urbana, comumente adotada em estudos similares de paisagem sonora histórica para outros países, permite-nos sublinhar os objetivos do presente artigo: contextualizar a prática musical dos claustros femininos eborenses na paisagem sonora de Évora no período moderno e apreciar os testemunhos dessa prática a partir da exploração e análise do acervo musical que chegou até nós.

Évora nos começos do Arcebispado: o testemunho do *Livro da Fazenda do Infante dom Henrique*

- 3 No caso de Évora, estudar estas instituições no período moderno implica uma abordagem que tenha em conta que nestas coordenadas histórico-geográficas floresceu um conjunto de compositores de qualidade superlativa nos séculos XVI e XVII, de há muito sublinhados.
- 4 O cosmopolitismo artístico-cultural comprovado pela circulação de músicos estrangeiros em todo o país verificou-se também em Évora, cidade de manifesto peso político e religioso especialmente até à monarquia dual. Para explicitação deste tópico, detenhamo-nos um pouco sobre *O Livro da Fazenda do Infante dom Henrique*², documento já explorado³, e em que fica bem sublinhada a figura de D. Henrique enquanto Infante de Portugal e príncipe do Renascimento, num Portugal de dimensão europeia e projeção mundial.
- 5 A informação contida no manuscrito regista despesas de diversa natureza efectuadas entre 1538 e 1543 pelo seu titular. Tanto o montante como a natureza (encargos, esmolas, obrigações) dessas despesas é bastante variável, constatando-se, porém, precisamente pela sua variedade e extensão, o reconhecido estatuto do Cardeal no seio do Reino. Surge-nos uma personagem com um vasto rol de servidores e fidalgos de sua Casa, que, enquanto tal, sustentava: camareiro-mor e guarda-mor; chanceler, escrivão da fazenda, secretário, tesoureiro e homem do tesouro, cosmógrafo e matemático (Pedro Nunes⁴), João de Comartin, francês, tangedor do Infante, mantieiro⁵, procurador dos feitos, porteiros, moços e pajem da câmara, pregadores (Mestre Manuel dos Santos, Mestre Gaspar, Frei Brás, Mestre André de Resende), capelães (15) e capelão-mor, moços da estrebaria e estribeiro-mor, copeiro-mor e copeiro pequeno, físicos, cirurgião, boticário, alfaiates, escrivães da cozinha, da cavalaria e das compras, trinchador, pasteleiro, pomareiro e hortelão na quinta de Valverde, aposentador, cinteiro (que faz cintas), lenteiro, esmoler (João de Sande) enfermeiro e a mulher, barbeiro e a mulher, recebedores da chancelaria, uchão (despenseiro), esmoleres, assegurando, ao mesmo tempo, pagamento de diversos mestres em domínios vários, nomeadamente na arquitetura e na música.
- 6 A partir da análise da administração da Fazenda de D. Henrique pelos recebedores das suas rendas são perceptíveis alguns aspectos que nos parecem essenciais para o entendimento do destino das verbas nos primórdios do arcebispado de Évora e dos critérios de distribuição do seu primeiro arcebispo⁶ (por duas vezes, entre 1540 e 1564 e entre 1575 e 1578), o Cardeal D. Henrique (cardeal desde 1546). Primeiramente, fica